

RESENHA SEMANAL – 01 a 07 de abril/2017

INDICADORES: Segundo o Boletim Focus desta semana, as projeções para 2017 sobre a Produção Industrial pioraram, enquanto aquelas relacionadas à meta da Taxa Selic, IPCA, IGP-M e à Cotação do Dólar Comercial foram mais otimistas.

Projeções 2017		
	Anterior	Atual
IPCA	4,12%	4,10%
IGP-M	4,51%	4,36%
Taxa de Câmbio R\$/US\$	3,28	3,25
Taxa Selic	9%	9%

EXPECTATIVAS DO MERCADO – VISÃO MACROECONOMICA: No primeiro trimestre de 2017, as perspectivas para a economia americana mudaram radicalmente em relação à atuação da nova administração quanto aos estímulos fiscais, pacotes tributários e mudanças regulatórias. As atenções agora seguem voltadas à possibilidade do Congresso americano aprovar a Reforma Fiscal e suas implicações, uma vez que, se não houver todas as rodadas de estímulos prometidas, o FED não terá motivos para uma alta acentuada dos juros.

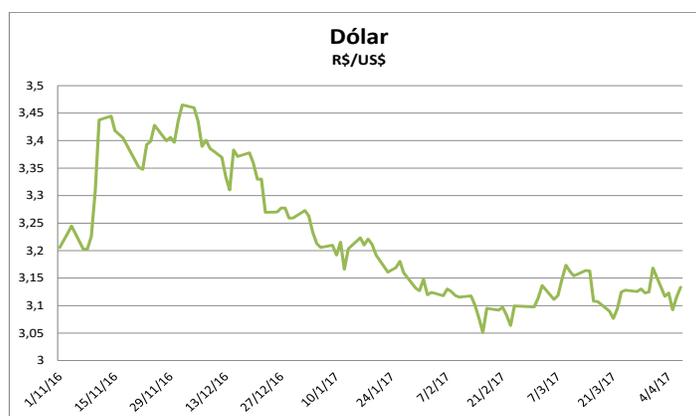
No Brasil, o mercado ainda vive a expectativa quanto à Reforma da Previdência, com alguns especialistas cogitando remotamente que ela não será aprovada, embora, para a maioria, ela vai acontecer, com modificações na proposta original, já que, antes mesmo de ir para votação, o governo já cedeu em 5 pontos, o que demonstra fraqueza na aprovação de suas medidas. Na próxima quarta feira o COPOM deve anunciar mais uma redução na Taxa SELIC e nossa expectativa é de um corte de 1%.

BOLSAS: As bolsas fecham a semana, sem direção única na Europa e em Nova York, seguindo atentas, principalmente, aos movimentos da crise geopolítica instalada com o bombardeio da Síria pelos Estados Unidos. No Brasil, a agenda econômica é fraca e, entre os eventos políticos, as atenções se voltarão para a Câmara, onde deve acontecer o debate sobre a reforma de previdência e o projeto da recuperação fiscal dos Estados.

BOVESPA: As perspectivas para a bolsa brasileira seguem construtivas, baseadas na queda dos juros, retomada da economia, melhorias regulatórias e no ajuste fiscal das contas públicas. Economistas recomendam uma combinação de ações ligadas a setores exportadores e algumas alternativas mais sensíveis à economia doméstica, com posições relacionadas a bancos e ações de consumo.



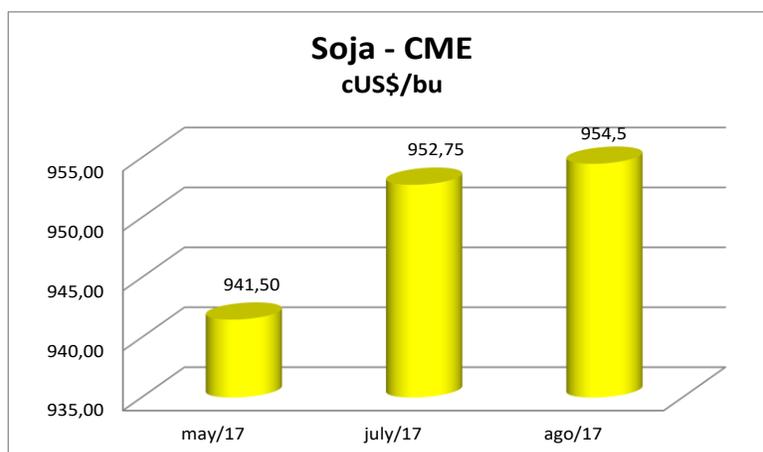
DÓLAR: A moeda americana fecha a semana com um avanço frente às principais divisas internacionais, na busca dos investidores por ativos seguros, como reflexo das tensões geopolíticas. É de suma importância o acompanhamento dos acontecimentos na Síria, pois terão reflexos significativos no petróleo, dólar e ouro.



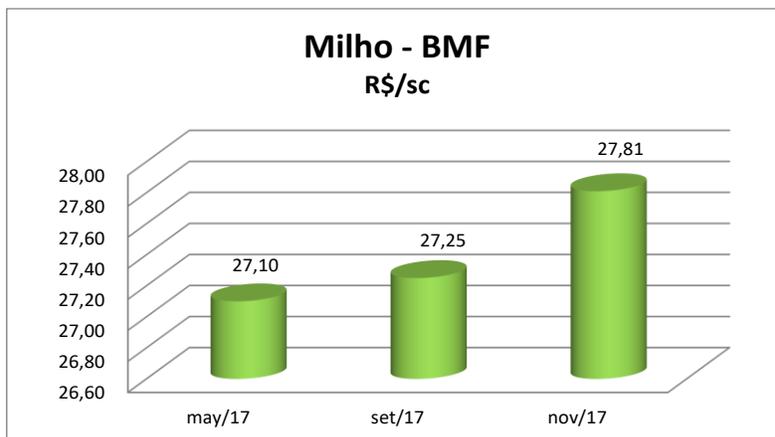
CBOT: Investidores dos mercados futuros de soja, milho e trigo reavaliam números do USDA em seu relatório de intenções de plantio no país em 2017/18 e seguem atentos às estimativas para colheitas do Brasil e da Argentina em 2016/17, com atenções voltadas para o clima nos EUA, cujas condições são favoráveis no Meio-Oeste, mas o excesso de umidade atrasa o início dos trabalhos de campo no leste do cinturão. O ritmo de demanda, especialmente da China, também segue monitorado, devido à necessidade de absorção de uma volumosa oferta de grãos no mundo.

SOJA: Conforme o último relatório do USDA, devem ser semeados 36,22 milhões de ha na temporada 17/18, o que representa um aumento de 7% ante ao plantio de 16/17, projetando a menor diferença entre área semeada de soja ante a do milho nos últimos 20 anos. O número também ficou acima da expectativa média de especialistas, de 35,66 milhões de ha. Em fevereiro, o USDA projetou uma área plantada de soja de 35,61 milhões de ha e de milho de 36,42 milhões de ha, surpreendendo analistas, já

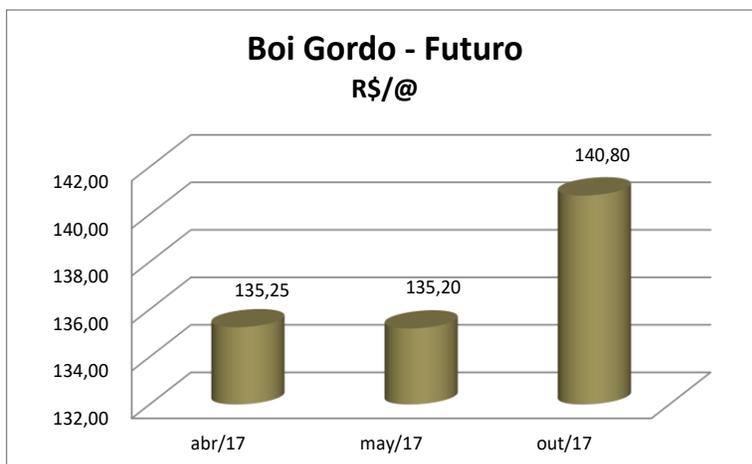
que, apesar da troca considerável entre soja e milho estar prevista, ela foi bem mais alta do que as estimativas. Enquanto a área de milho veio em linha com os números do Fórum de Perspectivas Agrícolas, a previsão para a soja ficou consideravelmente acima, indicando que ela deva ganhar área não só do milho, como de outras culturas. O mercado segue acompanhando a demanda, uma vez que a safra brasileira segue revisada para cima, com perspectiva de uma boa safra também na Argentina, apesar das chuvas que ocorreram nesta semana, prejudicando algumas plantações naquele país.



MILHO: Agricultores americanos devem semear 36,4 milhões de ha, o que representa uma diminuição de 4,26% ante o cultivado em 16/17, ficando abaixo da média das estimativas de 36,84 milhões de ha, com a migração de áreas para o plantio de soja, na tentativa de corte de despesas, uma vez que o cultivo do milho é mais caro nos EUA e os preços para ambas as culturas têm sofrido uma prolongada queda, com os rendimentos agrícolas devendo cair pelo quarto ano consecutivo. A boa expectativa para a safra da América do Sul pode continuar pesando sobre os preços do milho e contrabalancear o mercado nos próximos dias. A Arábia Saudita deve se tornar um "grande player no mercado de milho", graças a um afastamento da cevada em ração animal. O departamento de Riyadh do USDA, em suas primeiras previsões para a oferta e demanda de grãos da Arábia Saudita em 2017-18, fixou as importações de milho em um recorde de 4,30 milhões de ton, num aumento de 400 mil toneladas. No Brasil, não fosse pelo interesse de exportadores, o mercado de milho teria permanecido praticamente travado na semana passada, tanto por abastecimento de comprador quanto por discordância de preços entre as partes. Segundo o ex ministro da Agricultura, Alysso Paolinelli, a saída é a exportação já que iremos colher uma safra aproximada de 90 milhões de ton e o mercado interno não absorve tal volume. Deve-se ter em foco que, apesar da diminuição da área plantada nos USA, temos que olhar com atenção a questão cambial, pois o cambio muito fraco inviabiliza as exportações brasileiras.



BOI: O mercado segue no radar da operação Carne Fraca desencadeada pela PF. Os preços recuaram em praticamente em todas as praças com o recuo da demanda. Alguns frigoríficos, em resposta a fraca demanda, estão dando férias coletivas em algumas unidades, prejudicando os pecuaristas que tem reclamado dos baixos preços de compra. A questão do Funrural também tem ajudado a travar as negociações entre pecuaristas e frigoríficos, pois há muitas dúvidas sobre o pagamento desse tributo. Com demanda fraca no mercado interno, os frigoríficos se voltam para as exportações que, mesmo com embargos de alguns países, cresceram 24% de fevereiro para março, segundo o SECEX.



OBS: Dados coletados até as 16:00 do dia de fechamento da edição.